

**Catherine
Isaac**

**AQUI,
AGORA,
SEMPRE**

TRADUÇÃO DE ALYDA SAUER

ROCCOINHA

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Prólogo

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

PRÓLOGO

*Manchester, Inglaterra,
2006*

As vezes a vida pega o que tem de melhor e de pior para oferecer e joga tudo junto em cima de você num mesmo dia.

Essa talvez não seja uma conclusão rara durante um parto, mas, no meu caso, não foi o coquetel comum de sofrimento e felicidade que me fez chegar a ela. Apesar de finalmente estar prestes a conhecer o humano minúsculo que compartilhou meu corpo durante nove meses, aquelas oito horas torturantes também foram usadas para tentar falar com o pai dele pelo celular – para arrancá-lo de qualquer bar, boate ou mulher em que ele tivesse se metido.

– Você se lembrou de trazer suas anotações, Jessica? – perguntou a parteira quando cheguei sozinha ao hospital.

– Estou com elas aqui. Foi meu namorado que perdi, esqueci onde botei – eu disse, com um sorriso de quem se desculpa.

Ela me espiou por baixo dos cílios, sem levantar a cabeça, quando debrucei sobre a mesa da recepção da ala da maternidade, esperando a lancinante dor da contração passar.

– Tenho certeza de que ele chegará logo. – O suor escorria pela minha nuca. – Deixei algumas mensagens para ele. – Doze, para ser exata. – Ele está num evento de trabalho. Não deve ter sinal por lá.

Nesse ponto, uma parte de mim ainda esperava que isso fosse verdade. Eu estava sempre disposta a ver o que havia de bom em Adam, mesmo diante de evidências contrárias.

– Não costumávamos admitir homens aqui – ela lembrou. – Por isso, se precisarmos começar sem o papai, não haverá problemas.

Papai. Eu não podia negar os fatos biológicos, mas o título soou errado aplicado a Adam.

A parteira tinha aparência matronal, que inspirava confiança, pernas fortes, seios sobre os quais se podia equilibrar um vaso de planta e o tipo de cabelo que havia passado a noite em rolinhos de esponja. O nome na plaquinha era Mary. Conhecia Mary havia mais ou menos três minutos e já gostava dela, o que era bom, porque ela estava prestes a examinar o colo do meu útero.

– Venha, linda, vamos para um quarto.

Fui pegar a mala que o motorista do táxi ajudara a carregar, mas ela se inclinou e agarrou a alça, admirada com o peso.

– Quanto tempo você pretende ficar? – ela debochou, e eu fiz o melhor que pude para rir, até perceber que outra contração estava a caminho.

Fiquei lá em agonia muda, apertando os olhos e determinada a não ser a mulher que apavorava todo mundo berrando até não poder mais.

Quando a dor diminuiu, segui Mary lentamente pelo corredor feericamente iluminado e peguei o celular para verificar de novo se havia mensagens. Vi uns doze textos da minha mãe e de Becky, minha melhor amiga, mas ainda nada de Adam.

Não era para acontecer assim.

Eu não queria ficar sozinha.

Por mais que tivesse me preocupado com o nosso relacionamento nos últimos meses, eu também nada havia feito para tê-lo comigo, segurando minha mão e dizendo que tudo ia dar certo.

Descobri que estava grávida um dia depois do meu aniversário de vinte e dois anos. Não foi planejado, mas me convenci nos nove meses seguintes de que eu seria uma mãe confiante. Isso de repente pareceu uma bravata inconsistente.

– Tudo bem, querida? – perguntou Mary quando chegamos à porta da sala de trabalho de parto.

Fiz que sim com a cabeça, apesar de não ser verdade. Mesmo em

suas mãos capazes eu me sentia sozinha, apavorada, e certa de que essa sensação ia continuar até Adam chegar e cumprir seu dever de secar minha testa e segurar minha mão.

A sala era pequena e funcional, tinha cortinas finas estampadas que davam um ar de cadeias de hotéis antiquados. O céu estava da cor de melão de cana, preto e impenetrável, e a lua perolada se escondia no escuro.

– Deite aqui – disse Mary, dando tapinhas na cama.

Segui suas orientações, deitei de costas e abri as pernas. Ela então declarou friamente, “entrando”, e enfiou a mão nas minhas partes, fazendo com que meus olhos saltassem das órbitas e eu perdesse a capacidade de respirar.

– Dilatação de quatro centímetros. – Ela endireitou as costas, sorriu e tirou a luva de látex enquanto a contração começava a apertar. – Você está em trabalho de parto, Jessica.

– Que emoção – respondi, educada demais para mencionar que aquilo não era nenhuma revelação, porque eu já havia batizado o chão da minha cozinha com líquido amniótico horas antes.

– O melhor a fazer é usar a bola de parto e deixar a gravidade nos ajudar. Vou dar uma olhada na paciente ao lado, mas não hesite em usar a campainha para me chamar. Tem mais alguém que possa vir ficar com você? Uma amiga? Ou sua mãe?

Becky não morava longe, mas mamãe era sempre a única opção, por mais humilhante que fosse ter de ligar e explicar que Adam estava ausente.

– Minha mãe está de prontidão. Se eu não tiver notícia do meu namorado até as duas da manhã, ela vem para cá.

– Excelente – disse ela, e me deixou sozinha com a minha bola pula-pula sem os seguradores, um iPod cheio de músicas de Jack Johnson e uma máquina de gás e ar que eu tinha esquecido de perguntar como usar.

Liguei para mamãe às duas em ponto. Ela chegou seis minutos depois, de calça jeans justa e uma blusa de linho macio, com a fragrância de *Beautiful*, de Estée Lauder, no pescoço. Carregava uma

enorme sacola de ginástica que continha seu kit-parto de última hora. Consistia em uma câmera compacta de vídeo, um travesseiro de pena de ganso, um tubo de pasta de dentes, uma revista *Woman & Home*, um pouco de creme para as mãos Neal's Yard, um punhado de uvas, dois potes Tupperware grandes com uma seleção de bolos recém-feitos, algumas toalhas cor-de-rosa e... não estou brincando... um brinquedinho de berço.

– Como você está? – ela perguntou ansiosa, arrastou uma cadeira e prendeu uma mecha do cabelo louro e curto atrás da orelha.

Ela usava uma maquiagem muito suave e discreta, tinha pele boa, por isso nunca precisou de muita, e seus olhos azuis brilhantes estavam luminosos.

– Bem. E você?

– Estou ótima. Aliás, muito feliz de estar aqui.

O pé dela batia na cama enquanto ela falava, e aquele som metálico ecoava no quarto. Mamãe sempre mantinha a lucidez numa crise, mas eu estava notando uns tiques nervosos ultimamente. Naquela noite, sua perna tinha vida própria.

– Você não pode ter levado só seis minutos da sua casa para cá – eu disse, tentando sugar o gás e o ar pela primeira vez e acabei tossindo, irritando a garganta.

– Estava no estacionamento desde a meia-noite. Não queria ficar presa no trânsito.

– Ah, se Adam fosse tão prestativo assim... – resmunguei.

O sorriso dela falhou.

– Você tentou enviar uma mensagem de texto para ele de novo?

Fiz que sim com a cabeça e procurei esconder toda a minha irritação.

– Enviei, mas evidentemente alguma coisa era mais importante do que estar aqui.

Ela estendeu a mão e apertou meus dedos. Mamãe não estava acostumada a me ver ressentida. Eu raramente ficava zangada pra valer com qualquer pessoa ou coisa, excetuando talvez a droga da

nossa banda larga.

Mas você não saberia disso naquela noite.

– Odeio ele – choraminguei.

Ela balançou a cabeça e alisou minha mão com a ponta dos dedos.

– Não odeia não.

– Mãe, você não sabe a metade do que tem acontecido ultimamente. – Eu temia contar para ela porque isso romperia a bolha, a ideia de que minha vida em família com Adam jamais seria comparável à que ela e papai haviam me dado. Eu me lembrava da minha infância como um tempo abençoado: seguro e feliz, mesmo considerando alguns períodos difíceis que agora estavam todos no passado.

Ela suspirou.

– Está bem. Mas não fique nervosa com isso agora. Você não viverá este momento de novo. Está com fome?

Ela abriu um dos potes de Tupperware.

Consegui sorrir.

– Está falando sério?

– Não está? – ela disse, surpresa. – Eu estava morrendo de fome quando tive você. Comi metade de um bolo de limão antes da água acabar de escorrer.

Minha mãe era uma companheira de parto brilhante. Ela me fez sorrir entre contrações, me manteve calma até tudo ficar tão fora de controle que não consegui resistir e gritei.

– Por que não te deram alguma coisa para a dor? – ela disse baixinho.

– Eu disse que não queria peridural. Fiz um plano de parto natural. E eu fiz... ioga.

– Jess, você está tentando expulsar outro ser humano pela sua vagina, acho que precisa de bem mais do que exercícios de respiração e uma vela.

E afinal ela estava certa. Quando eu vomitei pela enésima vez, sentia uma agonia tão incompreensível que teria chupado um cano

quebrado, se tivesse algum. Um sol fraco apareceu embaçado na janela e outra parteira, que devia ter se apresentado mais cedo, quando minha cabeça se ocupava de outras coisas, se abaixou para me examinar.

– Sinto muito, meu amor, mas você está adiantada demais para uma peridural. Pode tomar uma injeção de petidina, se quiser, mas esse bebê vai nascer logo, logo.

Minhas pernas começaram a tremer descontroladamente, a dor tirou meu fôlego, sequestrou minha capacidade de falar direito e de pensar racionalmente.

– Eu só quero o Adam aqui. Mamãe... *por favor.*

Ela se atrapalhou com o celular freneticamente para tentar ligar para o número dele. Mas deixou cair o aparelho, xingou a própria falta de jeito e se arrastou no chão, caçando o objeto como se fosse um sabonete na banheira.

O que aconteceu depois disso é vago porque eu não estava concentrada em telefonemas, nem na agulha na minha coxa. Estava delirante com a terrível e milagrosa força do meu corpo.

Foi mais ou menos um minuto e três contrações depois de a petidina ter sido administrada que meu bebê chegou ao mundo.

Ele era deslumbrante, meu menino, com pernas e braços rechonchudos e uma expressão perplexa piscando e enrugando todo o rostinho quando foi posto nos meus braços pela parteira.

– Oh, meu Deus – mamãe exclamou. – Ele é...

– Maravilhoso – sussurrei.

– Enorme – ela comentou.

Sempre pensei que bebês recém-nascidos fossem delicados e indefesos, mas William era um lutador de quatro quilos. E ele não chorou, não naqueles primeiros minutos, ele só se aconchegou na curvatura quente do meu seio e fez tudo ficar bem.

Isto é, quase tudo.

Quando encostei os lábios na testa dele e senti seu cheiro doce e fresco, a porta do quarto abriu com estrondo. Lá estava Adam, invalidando completamente a teoria do antes tarde do que nunca.

Não sei o que foi mais dominante quando ele se aproximou de nós, o cheiro do perfume de outra mulher, ou o fedor azedo de bebida passada. Ainda usava a roupa da noite anterior. Havia fracassado na tentativa de limpar o batom do pescoço, deixando uma mancha violenta rosa-puta que começava na orelha e terminava na camisa.

De repente não o quis perto de mim ou do nosso bebê. Nenhuma quantidade de gel antibacteriano para as mãos teria alterado o fato de ele estar um completo traste. E de muitas formas. Desolada, fiquei pensando há quanto tempo eu tinha chegado a essa conclusão.

– Posso... posso segurá-la? – disse ele, estendendo os braços.

Mamãe fez uma careta e eu respirei fundo.

– É um *menino*, Adam.

Ele olhou para mim surpreso e dobrou os braços. Sentou olhando para nós, parecendo incapaz de dizer qualquer coisa, menos ainda a coisa certa.

– Você perdeu – eu disse, afastando a ardência de novas lágrimas. – Não posso acreditar que você perdeu esse momento, Adam.

– Olha, Jess... eu posso explicar.

CAPÍTULO 1

*Dez anos depois,
verão de 2016*

Não sei quando desaprendi a empacotar coisas. Era boa nisso antigamente, na época em que tinha tempo e espaço vago para empilhar travesseiros infláveis de viagem e miniutilidades de toalete. Não é volume que está faltando, meu velho Citroën está transbordando, mas tenho a inconfundível sensação de que esqueci alguma coisa, ou várias algumas coisas.

O problema é que não fiz uma lista. Mulheres da minha geração são levadas a crer que listas são solução para tudo, mesmo que o mundo em torno delas esteja desmoronando. Nesse momento estou além de listas. Chega um ponto em que há tanta coisa para fazer que parar por algo tão indulgente como fazer uma lista parece uma loucura. Além do mais, se esqueci qualquer coisa, posso simplesmente comprar quando chegarmos lá. Vamos apenas para o interior da França, e não para a bacia amazônica.

Se a minha arrumação foi desastrada, não sei como chamariam a de William. Na sua mala tem principalmente jujubas, encontradas embaixo da cama dele depois que seus amigos dormiram aqui, livros com títulos como *Cobras venenosas do mundo*, algumas pistolas de água e uma seleção de artigos de higiene pessoal perfumados demais.

Só recentemente ele começou a se interessar por isso, depois que seu amigo Cameron resolveu que dez anos era a hora certa de começar a usar desodorante para ir à escola. Tive de lembrar gentilmente ao meu filho que andar por aí numa nuvem-cogumelo

de Lynx Africa não o levaria muito longe na França enquanto não usasse calças de verdade.

Pulo para o assento do motorista, giro a chave e sinto a surpresa habitual quando o motor liga.

– Tem certeza de que pegou tudo? – pergunto.

– Acho que sim.

O rubor de excitação no rosto dele aperta um pouquinho meu coração. Está assim desde que eu disse que íamos passar o verão com o pai dele. Eu me inclino para dar um beijinho no lado da sua cabeça. William tolera isso, mas aqueles dias em que me abraçava e declarava “Você é a melhor mãe que eu já tive” ficaram para trás há muito tempo.

William é alto para a idade, quase magricela apesar do enorme apetite e da recente obsessão que desenvolveu pela Domino’s. Herdou do pai a altura e também os olhos líquidos, castanhos, a pele que bronzeia bem e o cabelo escuro com cachos na nuca.

Como meio um metro e sessenta, logo, logo ele vai me passar, e então provavelmente parecerá menos meu ainda. Minha pele é clara, sardenta e tende a ficar cor-de-rosa ao menor calor. O cabelo louro que bate nos meus ombros não cacheia como o do meu filho, mas tampouco é liso, tem um ondulado que me irritava no tempo em que essa era a única coisa com a qual eu tinha de me preocupar.

– Quem vai cuidar da casa quando estivermos fora? – ele pergunta.

– Não precisa, querido. Só de alguém para pegar a correspondência.

– E se alguém entrar e roubar as coisas?

– Ninguém vai fazer isso.

– Como você sabe? – pergunta William.

– Se fossem assaltar uma casa nessa rua, a nossa seria a última opção.

Eu tinha comprado a minúscula casa de vila no sul de Manchester graças à ajuda financeira do meu pai logo depois que tive William e, felizmente, antes do bairro virar moda.

Nunca participei das irônicas noites de bingo no bar de falafel no fim da rua e devo ter comprado fermento de quinoa apenas uma vez desde que abriram a padaria artesanal. Mas apoio totalmente esses lugares porque fizeram o preço das casas subir muito.

Só que, com isso, eu devo ser a única mãe solteira de trinta e três anos com um salário como o meu que vive aqui. Leciono escrita criativa no colégio de ensino médio local, coisa que sempre representou mais satisfação com o trabalho do que recompensa financeira.

– A casa do Jake Milton foi assaltada – William conta preocupado quando descemos a rua. – Levaram todas as joias da mãe dele, o carro do pai e o videogame Xbox do Jake.

– É mesmo? Que horror!

– Pois é. Ele tinha chegado ao último nível de *Garden Warfare* – suspira William, balançando a cabeça. – Ele nunca mais vai recuperar isso.

Vamos levar quatro ou cinco horas para chegar à costa sul para pegar a barca, mas estamos saindo cedo para fazer uma parada não muito longe de casa.

Chegamos em Willow Bank Lodge dez minutos depois e paro o carro no pequeno estacionamento na frente. O prédio por fora parece uma grande construção de Lego, com tijolos uniformes marrons e telhado cinzento. Mas, de qualquer forma, ninguém escolhe um asilo pela arquitetura.

Digito o código nas duas portas e registro nós dois, quando sentimos o cheiro de carne tostada demais e de legumes e verduras murchas. O lugar está limpo, iluminado e bem conservado, embora o decorador de interiores devesse ser daltônico. O papel de parede com rodaminhos é verde-abacate forte, o piso acarpetado em azul-marinho e vermelho, e as madeiras de proteção nas paredes são pintadas com um verniz cor de laranja que alguém deve ter se equivocado e achou que parecia madeira natural.

Os barulhos da hora do almoço vinham de trás de uma porta dupla e da sala da televisão, então fomos para lá em vez de entrar

no corredor que ia para o quarto da mamãe.

– Tudo bem aí, Arthur? – pergunto gentilmente quando um dos residentes mais antigos sai do banheiro com expressão de quem acabou de entrar em Nárnia. Ele endireita as costas e se defende.

– Estou procurando minhas panelas. Vocês levaram minhas panelas?

– Nós não, Arthur. Por que você não vem conosco e procura na sala de jantar?

Estou quase salvando Arthur antes que ele entre no armário de vassouras, quando a porta dupla se abre e aparece um integrante da equipe dos cuidadores e enfermeiros, Raheem, para oferecer o braço e levá-lo para outro canto.

– Oi – diz William.

Vinte e poucos anos de idade, descendente de somalianos, Raheem também tem um Xbox, por isso os dois sempre têm muito o que conversar.

– Oi, William. Sua avó já vai almoçar. Talvez tenha sobrado algum pedaço de bolo de abacaxi, se você quiser.

– Sim, eu quero.

Meu filho nunca rejeita alimento algum, a não ser aquele que precisei me esforçar demais para preparar e que olha como se eu estivesse lhe oferecendo um prato de lixo industrial fumegante.

William passa pela porta seguido por Raheem e um homem aparece no lugar deles. A pele nas têmporas tem marcas de anos de uma pressão altíssima, que certamente teve um efeito muito mais potente na saúde dele do que o fato de ser um alcoólico recuperado.

– Vovô! – O rosto de William explode em um sorriso e os olhos acinzentados do meu pai faíscam e ganham vida.

CAPÍTULO 2

Esse é um dos pequenos milagres do meu mundo: mesmo em face da maior tensão, meu pai inteiro sorri quando o neto está por perto.

– Vocês estão preparados, William?

– Estamos. De malas prontas e a caminho, vovô.

Papai embaraça o cabelo cheio e encaracolado de William e recua um passo para examiná-lo.

– Eu podia ter levado você para cortar esse cabelo antes da viagem.

– Mas eu gosto dele comprido.

– Você parece uma almofada rasgada.

William ri, apesar de ter ouvido essa brincadeira mais vezes do que consegue contar.

– Quantos minutos têm quatro horas e meia? – papai o desafia.

– Humm... Duzentos e... setenta.

– Bom menino. – Ele puxa William para um rápido abraço.

O fato do meu filho estar matriculado numa turma de Dotados e Talentosos em matemática não é crédito meu. Aritmética definitivamente não é o meu forte, e os únicos números que Adam domina são do tipo copo/hora.

Mas meu pai, contador, sempre foi mais pai para William do que o Adam. A casa geminada dos meus pais fica apenas a dez minutos de onde nós moramos e foi um segundo lar para William antes de ele entrar para a escola, o lugar onde ele resolvia quebra-cabeças com meu pai e fazia bolinhos com mamãe.

Mesmo mais tarde era papai que o esperava nos portões da escola e levava William para a casa deles para supervisionar o dever de casa ou para ir com ele, de barca, para a aula de caratê enquanto eu terminava o trabalho.

Tudo havia mudado nos últimos dois anos.

Minha mãe não é mais a avó que foi um dia, alguém que sete ou oito anos atrás era a primeira da fila para descer no enorme escorrega cheio de curvas no nosso parquinho coberto, com William no colo. Ela nunca se preocupou de parecer uma criança grande. Simplesmente tirava os sapatos e entrava no tubo, enquanto William gritava de prazer e as outras mulheres da idade dela, que não tinham recebido o diagnóstico que mamãe já tinha naquela época, ficavam de fora, bebendo seus cafés latte.

– Vou te dar uns trocados – diz papai, procurando no bolso da calça.

– Não precisa – murmura William sem convicção, e meu pai põe uma nota de vinte libras na mão dele.

– Compre um gibi na barca.

– Posso comprar uma Coca?

– Claro – responde papai, antes de eu poder dizer terminantemente que não.

– Obrigado, vovô. Agradeço muito.

William vai saltitando para a sala de jantar à procura da avó e eu fico lá para conversar com papai.

– Você devia ter ido direto para a barca, querida – diz ele para mim. – Não precisava parar aqui no caminho.

– Claro que precisava. Eu queria dar o almoço para mamãe antes de ir.

– Eu faço isso. Só ia sair para comprar o jornal.

– Não, eu gostaria de dar o almoço para ela, se você não se incomodar.

Ele meneia a cabeça e respira lentamente.

– Bem, então preste atenção. Procure relaxar na França. Você precisa de umas férias.

Sorrio desconfiada.

– É assim que você chama isso?

– Você vai curtir se *permitir-se* fazê-lo. E trate de se dar essa permissão. Pelo bem da sua mãe, se assim se sentir melhor. Ela realmente quer isso, você sabe.

– Eu ainda acho que é tempo demais para ficar longe.

– Nós já estamos vivendo com isso há dez anos, Jess. Absolutamente nada vai acontecer em cinco semanas.

Mamãe está no outro lado da sala de jantar, perto da janela do pátio aberto, com William sentado ao seu lado, falando sem parar. É a melhor hora do dia, quando o sol está alto e ela pode sentir uma brisa fresca de verão na pele.

Ela está na cadeira de rodas, com o vestido turquesa que comprei para ela na Boden alguns meses atrás, numa posição que se pode chamar de sentada, só que implica ficar imóvel.

Mas mamãe raramente fica quieta ultimamente. Porém, graças ao remédio que toma, não tem mais espasmos violentos como antes.

Ainda assim as drogas não produzem milagres, e infelizmente tenho consciência disso.

Então ela se remexe e se revira, as feições, braços e pernas ossudos se contorcem em movimentos improváveis. Ela agora está magra, as juntas dos cotovelos e joelhos proeminentes, as maçãs do rosto tão pronunciadas que às vezes olho para ela e penso que os olhos parecem grandes demais para o rosto. As mãos estão disformes também, retorcidas além da idade. Ela já pareceu mais jovem do que a idade que tinha um dia. Agora não dá para imaginar que tem apenas cinquenta e três.

– Oi, mamãe. – Eu me abaixo para abraçá-la e a aperto mais tempo do que de costume.

Quando me endireito, olho para sua boca aberta para ver se há algum esboço de sorriso. Ela demora bastante para reagir, mas

acaba conseguindo balbuciar.

– Eh... meu amor.

Ainda sou capaz de entender o que mamãe diz quase sempre, mas sou uma das poucas que conseguem. Ela só usa frases de três ou quatro palavras e são sempre enroladas, a voz arrastada e baixa.

– Estou vendo que você conseguiu o melhor lugar. Todos vão ficar com inveja.

Aí vem um longo intervalo em que mamãe fica visivelmente procurando as palavras.

– Subornei todos – ela acaba dizendo, e eu dou risada.

Um novo membro da equipe aparece e põe o almoço de mamãe na mesa, depois desdobra um grande babador de plástico e amarra gentilmente no pescoço dela. Estendo a mão para alisá-lo, mas o braço esquerdo dela continua a dobrá-lo para cima. O babador flutua para baixo um instante, depois sobe de novo.

Penso em pegar a colher de bebê que está ao lado do prato, mas resolvo deixá-la ali para o caso de mamãe querer tentar se alimentar sozinha. Ela raramente faz isso agora, apesar de ter ficado indignada quando no início sugeriam qualquer coisa diferente disso.

Já faz quase um ano que ela se mudou para Willow Bank Lodge. Todos nós queríamos que ficasse em casa o máximo de tempo possível, mas tornou-se muito difícil, mesmo quando papai instalou a cama dela no térreo. Papai ainda trabalha e não pode ser cuidador 24 horas por dia. Todos entenderam que ela ia precisar de mais gente além dele, o ideal seria um lugar em que a simples ida ao banheiro não significasse uma viagem com risco de morte. E aqui nunca faltam visitas para ela. Fato é que mamãe tem um pequeno círculo de amigos que a ajudaram em todos os momentos sérios naqueles últimos dez anos. Sua melhor amiga Gemma vem todo fim de semana, em geral com um novo audiobook, ou com uma fornada de pães de cereja deformados que ela chama de seu “prato exclusivo”.

– Animado? – mamãe pergunta para William.